

## ***DOS MONÓLOGOS AO DIÁLOGO: UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO ENTRE TEOLOGIA, LITERATURA E ESPIRITUALIDADE.***

*Marcio Cappelli\**

<http://lattes.cnpq.br/6799182445976078>

### **RESUMO**

O presente trabalho busca apresentar uma proposta de re-aproximação entre teologia, literatura e espiritualidade. Para tal intento, foi necessário seguir alguns passos, sendo que os primeiros foram retratar a tensa e por vezes conflituosa relação que teologia estabeleceu com a literatura e com a espiritualidade ao longo do tempo. Posteriormente, procurou-se mostrar como a linguagem literária se configura como mediadora privilegiada na tarefa de compreensão e da vivência da espiritualidade. Por fim, exemplificou-se a relação entre teologia, literatura e espiritualidade a partir de uma breve exposição da relação entre arte e religião segundo Paul Tillich que foi aplicada em um poema de Carlos Drummond de Andrade e outro de Giuseppe Ghisaroni.

**Palavras-chave:** Teologia, literatura, espiritualidade, arte, religião.

---

\* Pastor Auxiliar na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Bacharel em Teologia pelo STBSB. Mestrando em Teologia pela PUC-Rio.



## ABSTRACT

This study aims to present a proposal to rapprochement between theology, literature and spirituality. For this purpose it was necessary to follow certain steps, and were the first to portray the tense and sometimes confrontational relationship established with the theology and spirituality literature over time. Later, we tried to show how literary language is configured as a mediator in the prime task of understanding and experience of spirituality. Finally, exemplified the relationship between theology, literature and spirituality from a brief statement of the relationship between art and religion according to Paul Tillich has been applied in a poem by Carlos Drummond de Andrade and another Giuseppe Ghiaroni.

**Keywords:** Theology, literature, spirituality, art, religion

*“Seduziste-me Senhor, e seduzido fiquei!”*



Profeta Jeremias

*"Diante do belo - aliás, não propriamente diante dele, mas nele - é o homem todo que vibra. Ele encontra a beleza não só agarrando-a, mas experimenta, antes, a si mesmo agarrado e tomado como posse por ela."*

H. Von Balthasar

## 1. Introdução

O presente trabalho se propõe, ainda que limitadamente, apontar uma faceta da rica relação entre teologia, espiritualidade e literatura.

Partindo da constatação que a mística percorre um campo do saber que o discurso filosófico e teológico contorna com a mesma desconfiança que usa para a literatura<sup>1</sup>, pretende-se apontar alguns desdobramentos históricos que afastaram a teologia tanto da literatura, quanto da espiritualidade. Ou seja, num primeiro momento

---

<sup>1</sup> YUNES, E. *A Poética como mediação entre Filosofia e Mística*. In: BINGEMER, M. C., PINHEIRO, M. (Orgs). *Mística e Filosofia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. p. 76.



ocupa-se em mostrar como até recentemente a teologia acadêmica não se via vinculada a espiritualidade e tampouco admitia a possibilidade de encontrar na literatura uma interlocutora.

Também se aspira demonstrar como a linguagem literária se configura como mediadora privilegiada na tarefa de compreensão e da vivência da espiritualidade. Afinal, de acordo com Bingemer a própria definição do vocábulo poesia no dicionário já fornece algumas pistas:

Dentre a suas inúmeras definições o Aurélio nos fornece uma que interessa de perto nossa temática: Entusiasmo criador, inspiração. Entusiasmo é uma palavra que vem do grego *em-théos* e que significa literalmente: ter a Deus dentro de si. E inspiração em estreita proximidade, quer dizer(*in-spirar*) ter dentro o Espírito.<sup>2</sup>

Posteriormente se pretende fazer uma breve exposição da relação entre arte e religião segundo Paul Tillich, visando esclarecer como o teólogo contribuiu para o diálogo, e também para posteriormente aplicá-la.

---

<sup>2</sup> BINGEMER, M. C. *A argila e o espírito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 124.



Por fim, além de afirmar a relação entre teologia, espiritualidade e literatura pretende-se exemplificá-la a partir de um poema de Carlos Drummond de Andrade e outro de Giuseppe Ghiaroni.

## 2. A tensão entre teologia e literatura

Desde muito cedo, Teologia e Literatura foram bem próximas. Waldecy Tenório ao ser perguntado sobre como era a relação entre teologia e literatura na Antiguidade e como ela se desenha hoje, afirma que:

Se fizéssemos essa pergunta ao evangelista João, ele certamente diria que no princípio era o Verbo, e não estaria dizendo pouco. Quer dizer, essa relação entre literatura e teologia já aparece na origem, ou na aurora do mundo, como se fosse uma culpa ou um pecado original. Na antigüidade grega, encontramos a doutrina do entusiasmo, que associa a inspiração poética à profecia ou mesmo à possessão por um Deus. No mundo judaico, não se concebe a escrita a não ser dentro de uma ligação muito forte com o divino... O fato é que o sagrado e o profano se encontram na literatura, sendo a poesia a última forma de êxtase ou, como diz Murilo Mendes a



transubstanciação do leigo no sagrado. Então, resumindo: foram e são relações profundas, essas que se dão nas camadas subterrâneas do texto. E os teólogos e os críticos, mais do que nunca, estão descobrindo isso.<sup>3</sup>

No entanto, desdobramentos históricos indicam certo distanciamento entre teologia e literatura e alguns motivos contribuíram para que estas vivessem e vivam uma relação de tensão e muitas vezes conflituosa.

Alguns autores chegam a atribuir a separação entre os dois saberes a antiguidade. Douglas Rodrigues da Conceição, citando Antônio Magalhães diz que a separação que existe entre teologia e literatura se origina basicamente em Tertuliano, Agostinho e Jerônimo, pois os mesmos viam na filosofia a melhor interlocutora para a teologia e os textos poéticos como nada mais que invenção humana.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> TENÓRIO, W. “*Meu Deus e meu conflito*”: *Teologia e Literatura*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <[http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf](http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf.pdf)> acesso em 25. 06. 2011.

<sup>4</sup> CONCEIÇÃO, D. *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura*. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004. p. 25.



Todavia, o ponto nevrálgico dessa relação está situado na ruptura da Idade Média e Idade Moderna. De acordo com Karl-Josef Kuschel: “religião e literatura encontram-se em uma relação de tensão ao menos desde o fim da identidade entre cultura burguesa e cristandade.”<sup>5</sup> Ou seja, o avanço da secularização e a busca da autonomia da obra literária contribuíram para um afastamento entre a teologia e a literatura. Em outras palavras, Magalhães fala sobre a necessidade de entender o debate entre teologia e literatura dentro do processo de emancipação da cultura burguesa dos resquícios do autoritarismo eclesiástico.<sup>6</sup>

Em princípio, porque durante séculos, na Idade Média, os artistas se viram obrigados a produzir sob os ditames das autoridades eclesiásticas, sem a devida liberdade de expressão. Portanto, com o advento do humanismo renascentista e depois do Iluminismo, gradualmente os artistas vislumbraram a possibilidade de uma emancipação.

---

<sup>5</sup> KUSCHEL, K. *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos literários*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 13.

<sup>6</sup> MAGALHÃES, A. C. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 22.



Não obstante, esse afastamento entre os dois saberes possui seu lastro também na compreensão de que as ciências eram a mais apropriada forma de conhecimento da realidade, em detrimento das artes. Tal concepção contribuiu cada vez mais para que a literatura fosse vista como a tarefa de tratar de uma fantasia.

Isso contribuiu para o enrijecimento da teologia conforme constata Waldecy Tenório:

As duas têm a mesma idade, nasceram na mesma época, a poesia era a alma dos ritos religiosos. Com o tempo, a teologia foi se transformando numa senhora sisuda, muito respeitável, uma velhinha que não tira nunca o véu da cabeça, enquanto a outra parece mais jovem, irreverente, a louca da casa, de reputação às vezes duvidosa, e é claro que isso acabou por criar um certo conflito ou uma certa desconfiança entre as duas.<sup>7</sup>

Contudo, tratar a modernidade unilateralmente como motivo de separação entre os dois saberes não é legítimo. É mister realçar que, de certa forma, as intensas

---

<sup>7</sup>TENÓRIO, W. *“Meu Deus e meu conflito”: Teologia e Literatura*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf>> acesso em 25. 06. 2011.



críticas dos quatro cavaleiros da modernidade, a saber, Feuerbach, Marx, Freud, Nietzsche, também contribuíram para a abertura de um diálogo entre teologia e literatura, afinal, foram um forte golpe no pensamento metafísico sobre o qual a teologia se apoiara.<sup>8</sup> Ou seja, sem poder recorrer ao discurso ontológico-metafísico das grandes tradições que haviam sido estremecidas pelos golpes dos pensadores supracitados, a teologia, para não se perder num mundo em que o céu havia sido interditado, refugiou-se no empréstimo de outras formas de conhecimento.

Dessa forma, viu-se obrigada a tomar o ferramental das ciências humanas e atualmente também o da literatura. O que ainda é um desafio que não se deve negligenciar, afinal, nenhum saber poderá sozinho compreender a realidade.

### 3. O Afastamento entre teologia e espiritualidade

---

<sup>8</sup> BARCELLOS, J. C. *Teologia e Literatura: Uma definição*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf>> acesso em 26. 06. 2011.



Diversos fatores contribuíram para a separação. Contudo, a excessiva intelectualização da teologia figura entre os principais. González Faus atribui tal intelectualização já a interpretação helenizada do termo *logos* do Quarto evangelho, nos primeiros séculos. Sobre a tradução do termo afirma:

*Logos e Dabar* podem significar “palavra”. Porém no mundo grego se trata da palavra que explica, que dá razão e sentido. Enquanto que no mundo semita se trata de uma palavra que é ação e, deste modo, manifesta a uma pessoa e não meramente idéias.<sup>9</sup>

Ou seja, no contexto grego Jesus Cristo foi interpretado como plenitude desse *logos*, como fundamento da racionalidade e da explicabilidade do mundo, já no contexto semítico alguém a ser seguido a partir de uma proposta concreta de vida integrada onde, inclusive a espiritualidade era fundamental.

---

<sup>9</sup> GONZÁLEZ FAUSS, J. *Des-helenizar el Cristianismo*. In: Revista Latinoamericana de Teología. 17 (2000). p. 235.



Já para Barcellos, é no contexto da escolástica que ocorre uma excessiva intelectualização da teologia e com a chegada do racionalismo se reforça o divórcio entre ciência teológica e a experiência de fé.<sup>10</sup>

Contudo, há na atualidade um clamor pela superação do divórcio entre teologia e espiritualidade, já denunciado desde o Concílio Vaticano II por teólogos como H. Von Balthasar, Y. Congar, H. de Lubac, dentre outros<sup>11</sup>. Ou seja, pela afirmação direta da impossibilidade de se fazer teologia sem a vivência concreta da espiritualidade.

Em outras palavras destaca Bingemer:

É fato relevante, hoje em dia, a volta da espiritualidade ao campo da reflexão teológica. Até recentemente a teologia acadêmica não se via devedora e tampouco vinculada a um certo tipo de obras qualificadas, dentro do conjunto da vida eclesial, como “espirituais” ou

---

<sup>10</sup>BARCELLOS, J. C. *Literatura e Espiritualidade: Uma leitura de Jeunes Années de Julien Green*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 26-27.

<sup>11</sup> PÁDUA, L. *Espiritualidade integradora: o testemunho privilegiado de Santa Tereza de Ávila*. In: RÚBIO, A. (Org). *O Humano Integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.182.



“piedosas”. Nesta categoria estavam incluídos os escritos dos místicos cristãos.<sup>12</sup>

No entanto, é importante indagar sobre o tipo de espiritualidade que se pretende resgatar. Afinal, os valores atuais são difusos e é possível perceber uma intensa busca espiritual que conjugada com um imediatismo cultural, pode levar a redução da espiritualidade a momentos mágicos de oração e de alienação. Por isso, se torna imprescindível dizer que não se pretende prescindir da racionalidade da fé, afinal, não é saudável nenhum tipo de alienação. Ou seja, a necessária reação contra o racionalismo não tem porque significar rejeição ou desprezo da razão.<sup>13</sup>

Em suma, pretende-se afirmar em coro com Garcia Rubio que:

Em princípio não há nenhuma oposição entre teologia entendida como saber

---

<sup>12</sup> BINGEMER, M. C. *Em tudo amar e servir: mística trinitária e prática cristã em Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 19.

<sup>13</sup> Cf. RUBIO, A. *Evangelização e Maturidade Afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 98.



racional e a teologia compreendida como reflexão sobre a experiência de fé. Antes, as duas maneiras de ver a finalidade da teologia complementam-se e corrigem-se mutuamente. O que resultou empobrecedor, na história da teologia, foi a separação dicotômica entre essas duas funções próprias da reflexão teológica. Esta separação levou consigo o divórcio entre espiritualidade e teologia com consequências negativas para ambas, em detrimento da vida eclesial e da existência cristã.<sup>14</sup>

#### **4. A literatura como mediação entre teologia e espiritualidade**

A questão que surge, após a constatação da separação da teologia e da literatura e da teologia e da espiritualidade, bem como a necessidade de reconciliação entre elas, é se e em que medida a teologia sendo a fé que busca sua inteligência (*intellectus fidei*) pode elaborar enunciados a partir de algo que pertence ao campo do experiencial, como a mística e qual a sua relação com a literatura.

---

<sup>14</sup> RUBIO, A. *Prática da teologia em novos paradigmas: adequação aos tempos atuais*. In: FABRI, M. (Org.). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997. p. 240.



De acordo com Barcellos essa relação só é possível porque a experiência de Deus é também humana e ganha visibilidade a partir da necessidade de ser articulada e dita, mesmo que a linguagem não abarque a experiência em si.

A espiritualidade sendo experiência humana do divino, ganha inteligibilidade e visibilidade quer no âmbito pessoal, quer no sociocultural, ao ser plasmada numa linguagem. Como qualquer outra experiência humana é sempre uma experiência interpretada. Dessa maneira, é no espaço da linguagem que inúmeras e variadíssimas experiências espirituais podem ser reconhecidas como tais.<sup>15</sup>

Portanto, é como texto, e não como vivência anterior a ele, que a espiritualidade se apresenta à interlocução e ao debate, texto este muitas vezes marcado por alto grau de literariedade. Até mesmo porque a experiência espiritual em si é, por definição, inacessível à pesquisa.

Desse modo, à medida que dá conta das experiências humanas mais profundas e por isso também

---

<sup>15</sup> BARCELLOS, J. C. *Literatura e Espiritualidade*. p. 20.



espirituais, a literatura torna-se sem se amesquinhar mediadora entre teologia e espiritualidade. Ou seja, admitindo que é nas realidades humanas que se dá o mistério de comunhão e de amor entre Deus e o homem de que Cristo é modelo, a literatura se torna testemunho de tais realidades.<sup>16</sup>

Apesar de dizer a literatura guarda em si mesma certo paradoxo, porque inúmeras vezes se refere ao “indizível”. Sobre isso Yunes ressalta que a poesia é justamente a linguagem cabível para destacar a impossibilidade da linguagem diante das experiências humanas fundamentais e últimas.

A mística reclama a poética para indiciar as raias do não-saber e acompanhar a filosofia em seu avesso evitando ordenar, sistematizar uma representação sobre o vazio, sobre o nada, intervalo entre o homem e o real inacessível, onde a linguagem ordinária constrói a realidade, substituindo, apontando, jogando com a palavra.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> BARCELLOS, J. C. *Literatura e Espiritualidade*. p. 19.

<sup>17</sup> YUNES, E. *A Poética como mediação entre Filosofia e Mística*. p. 78.



## 5. A relação entre religião e arte em Paul Tillich<sup>18</sup>

Aqui vale ressaltar a importância das considerações tillichianas sobre a relação entre teologia e arte, que servirão mais a frente de aporte metodológico para a abordagem aos textos poéticos selecionados. Igualmente, é imperioso dizer que Tillich nunca formulou uma teoria estética sistemática. Portanto, não se busca uma leitura objetiva, sistemática, racionalista da arte. Ou, em outras palavras, não se busca entender como seria um sistema tillichiano de leitura da arte, mas sim, se pretende compreender como é possível ler a obra de arte, a partir do pressuposto tillichiano.<sup>19</sup>

Para Tillich:

---

<sup>18</sup> Dentro da tradição protestante o esforço pioneiro de dialogar com a arte se deve principalmente as reflexões de Paul Tillich em torno da Teologia da Cultura e de alguns textos específicos. Já na tradição católica, na esteira do Concílio Vaticano II os esforços de reflexão em direção a um diálogo frutificaram em obras densas como as de Romano Guardini e Hans Urs Von Balthasar. Cf. SOETHE, P. A. *Teologia e literatura: a cena alemã*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf>> acesso em 24. 06. 2011.

<sup>19</sup> CALVANI, C. E. *Teologia e MPB*. São Paulo: Edições Loyola/Metodista, 1998. p. 75.



a religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião. Em resumo: religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião.<sup>20</sup>

Sua concepção estética depende inteiramente de teologia, sobretudo no que diz respeito a sua compreensão de Deus como Incondicional e fonte de sentido. Calvani destaca que em uma palestra ministrada pelo teólogo alemão no museu de Arte Moderna de Nova Iorque, ele prefere usar a expressão “Realidade Última” em vez de “Deus”, indicando sua opção de tratar Deus como fundamento último ou ser-em-si. O que tem como consequência a idéia de que tudo que expressa a “Realidade Última”, também expressa Deus intencionalmente ou não.<sup>21</sup>

Essa concepção de religião não apenas como conjunto de símbolos, devoções e ritos, mas também como

---

<sup>20</sup> TILLICH, P. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte editorial, 2009. p. 83.

<sup>21</sup> Cf. CALVANI, C. E. *Teologia e MPB*. p. 77.



preocupação com a Realidade Última que captura o humano e reclama uma resposta definitiva é que concede potencial a arte. Ou seja, ele não analisa a obra de arte para ser um comentador estético, muito menos como um artista. Mas, como teólogo atenta para a potencialidade artística concernente ao ser humano. Para Calvani reside nisso o diferencial da sugestão tillichiana:

A originalidade da proposta de Tillich está em questionar as classificações feitas pela moral burguesa ou pelas igrejas quanto ao que é arte sacra. Dificilmente encontraríamos líderes religiosos sinceramente dispostos a admitir que um nu artístico de Nolde tem mais substância religiosa que uma cena da crucificação; ou que o “Blues da Piedade” de Cazuzaseja mais religioso que “A benção, João de Deus” ou certos cânticos evangélicos. O valor dessa interpretação teológica das artes está na afirmação de que o critério mais importante para classificar como mais importante uma obra de arte não é seu tema, nem sua intenção, mas seu estilo.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> CALVANI, C. E. *Teologia e MPB*. p. 95.



Assim, em um texto intitulado de *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*<sup>23</sup> Tillich cria quatro categorias, ou níveis, para descrever a relação entre o que chama de religião e a arte, a saber: a) Estilo não-religioso e tema não-religioso; b) Estilo religioso e tema não-religioso; c) tema religioso em estilo não-religioso; d) estilo religioso e tema religioso.

O primeiro nível diz respeito ao que o teólogo chama de indiretamente religioso, ou seja, a preocupação com a realidade última está presente indiretamente. Como exemplo ele cita os animais e as paisagens de Rubens e os quadros de Jan Steen que retratam cenas do cotidiano.<sup>24</sup>

No segundo nível o tema não se refere a nenhuma cena bíblica ou algo parecido, permanecem as cenas do cotidiano, no entanto, aqui há a preocupação com a realidade última e obras de arte são vistas como tentativas de olhar as profundezas da realidade. O fato de não haver referencias diretas a Deus não anula o conteúdo teológico

---

<sup>23</sup> Cf. TILLICH, P. *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*. In: TILLICH, P. *Textos Seleccionados*. São Paulo: Fonte editorial, 2006. p. 31-46.

<sup>24</sup> Cf. TILLICH, P. *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*. p. 36.



pulsante dessas obras. Como exemplo Tillich destaca *Guernica* de Picasso. Nesse retrato de situação de guerra onde se misturam homens e animais, para ele, se revela sem máscaras a realidade humana.<sup>25</sup>

O terceiro nível trata daquelas obras que Tillich descreve como superficiais porque apesar de possuírem temas religiosos não tocam nas indagações mais profundas do ser sobre a realidade última.<sup>26</sup>

E por último aquele nível em que temas religiosos são tratados de maneira expressiva e profundamente espirituais, à medida que são testemunhos da preocupação última.<sup>27</sup>

Em suma, ao demonstrar essas formas de obra de arte possíveis pode-se notar quão importante é o quesito estilo para as mesmas. O primeiro e o terceiro exemplos supracitados só participam do elemento religioso indiretamente, enquanto o segundo e o quarto diretamente, e isso se dá por que justamente no segundo e no quarto exemplo o estilo é religioso. Assim, pode-se inferir que o

---

<sup>25</sup> Cf. TILLICH, P. *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*. p. 38.

<sup>26</sup> Cf. TILLICH, P. *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*. p. 45.

<sup>27</sup> Cf. TILLICH, P. *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*. p. 46.



estilo é o que determina a pertinência religiosa da obra de arte, bem como das expressões culturais em geral.

Assim, a partir de tal constatação será feito o aporte em dois poemas de autores distintos.

## **6. Dois exemplos da relação entre teologia, literatura e espiritualidade**

Essa proposta de relação entre teologia, literatura e espiritualidade pode ser exemplificada em diversos textos, no entanto, aqui ficará restrita aos casos específicos de Carlos Drummond de Andrade elucidado em seu poema *O homem: as viagens* e de Giuseppe Ghiaroni em seu *Economia*.<sup>28</sup>

### **6.1. Carlos Drummond de Andrade**

#### ***O homem: as viagens***

*O homem, bicho da Terra tão pequeno*

---

<sup>28</sup> Cabe destacar que os poemas não serão analisados a partir da crítica literária, mas como testemunhos de realidades fundamentais da existência humana e lidos a partir da categorização tillichiana da arte.



*Chateia-se na Terra*

*Lugar de muita miséria e pouca diversão.*

*Faz um foguete, uma cápsula, um módulo*

*Toca para a Lua*

*desce cauteloso na Lua*

*Pisa na lua*

*Planta bandeirola na lua*

*Experimenta a lua*

*Coloniza a lua*

*Civiliza a lua*

*Humaniza a lua*

*Lua humanizada: tão igual à Terra.*

*O homem chateia-se na Lua.*

*Vamos para marte - ordena a suas máquinas.*

*Elas obedecem, o homem desce em marte*

*Pisa em marte*

*Experimenta*

*Coloniza*

*Civiliza*

*Humaniza marte com engenho e arte.*



*Marte humanizado, que lugar quadrado.*

*Vamos a outra parte?*

*Claro - diz o engenho*

*Sofisticado e dócil.*

*Vamos a vênus.*

*O homem põe o pé em vênus,*

*Vê o visto - é isto?*

*Idem*

*Idem*

*Idem.*

*O homem funde a cuca se não for a júpiter*

*Proclamar justiça junto com injustiça*

*Repetir a fossa*

*Repetir o inquieto*

*Repetitório.*

*Outros planetas restam para outras colônias.*

*O espaço todo vira terra-a-terra.*

*O homem chega ao sol ou dá uma volta*

*Só para tener?*

*Não-vê que ele inventa*

*Roupa insiderável de viver no sol.*



*Põe o pé e:*

*Mas que chato é o sol, falso touro*

*Espanhol domado.*

*Restam outros sistemas*

*fora do solar a colonizar.*

*Ao acabarem todos*

*só resta ao homem*

*(estará equipado?)*

*A difícilima dangerousíssima viagem*

*de si a si mesmo*

*pôr o pé no chão*

*do seu coração*

*experimentar*

*colonizar*

*civilizar*

*humanizar*

*O homem descobrindo em suas próprias  
inexploradas*

*entranhas a perene, insuspeitada alegria*



*De con-viver.*<sup>29</sup>

No poema de Drummond é possível perceber o segundo nível da análise tillichiana, pois está presente a pergunta humana pelo sentido da existência. Nesse caso específico a partir dos dilemas do homem moderno, apesar de não se tratar de um tema religioso. Conforme ressalta Bingemer, o poeta “situa o problema maior do ser humano moderno em termos de abundância da técnica que o faz estar permanentemente procurando superar-se em novas descobertas.”<sup>30</sup>

É a partir disso que o poeta descreve que essas tentativas são projetos de humanização frustrantes que só conduzem ao tédio, à solidão e a falta de sentido. Dessa forma, a única saída está na mudança de rumo da viagem, em direção a si mesmo, que se configura como viagem rumo à alteridade. Em outras palavras essa mudança de rumo proporciona a descoberta “do outro humano e do outro transcendente que desde as entranhas humanas, onde

---

<sup>29</sup> Esse poema foi encontrado em BINGEMER, M. C. *A argila e o espírito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 113-115.

<sup>30</sup> BINGEMER, M. C. *A argila e o espírito*. p. 118.



atua com sua graça, chama incessantemente à saída de si que é vida e entrega ao outro.”<sup>31</sup>

Assim, pode-se dizer que o poema trata de perguntas fundamentais do ser humano, ou seja, também espirituais e se configura como resposta a valores hodiernos como o consumismo e o individualismo.

## 6.2. Giuseppe Ghiaroni<sup>32</sup>

### **Economia**

*Dá de ti. Dá de ti quanto puderes:*

*o talento, a energia, o coração.*

*Dá de ti para os homens e as mulheres*

*como as árvores dão e as fontes dão.*

*Não somente os sapatos que não queres*

*e a capa que não usas no verão.*

---

<sup>31</sup> BINGEMER, M. C. *A argila e o espírito*. p. 120.

<sup>32</sup> Mineiro de Paraíba do Sul, poeta e jornalista, radicado no Rio de Janeiro, onde trabalhou na redação do jornal *A Noite* e na Rádio Nacional. Dentre suas obras publicadas e mais conhecidas, ressaltam-se: *O Dia da Existência*, seu primeiro livro, de 1941, *A Graça de Deus*, de 1945, *a Canção do Vagabundo*, de 1948, e em 1997 *A Máquina de Escrever*. No entanto destaca-se por poemas que foram inclusive musicados. Para conhecer mais poemas ver [www.culturabrasil.org/ghiaroni-poeta.htm](http://www.culturabrasil.org/ghiaroni-poeta.htm).



*Darás tudo o que fores e tiveres:  
o talento, a energia, o coração.  
Darás sem refletir, sem ser notado,  
de modo que ninguém diga obrigado  
nem te deva dinheiro ou gratidão.  
E com que espanto notarás, um dia,  
que viveste fazendo economia  
de talento, energia e coração!*<sup>33</sup>

Esse poema de maneira simples e a partir de situações cotidianas, toca em algo que é fundamental na teologia e na vida cristã: o sentir-se responsável pelo outro, mesmo estranho, mesmo desconhecido e ensina que todos são ligados uns aos outros e co-responsáveis uns pelos outros. Dessa maneira também se encaixa no segundo nível descrito por Tillich.

Essa performance existencial traduzida na beleza da poesia de Ghiaroni é o caminho da esperança, não da espera apática, mas, da vivência da solidariedade concreta

---

<sup>33</sup> Esse poema foi encontrado em ALMEIDA, E. F., REZENDE, J. *Dores que nos transformam: quando frágeis, então somos fortes*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 126-127.



e do compromisso em favor da justiça. Vivência e compromisso que o cristão tem no centro do seu que-dizer. Afinal, no cerne da experiência cristã está o encontro do Deus esvaziado com o homem. Em Jesus de Nazaré, irmão dos desamparados, Deus se doou de modo definitivo. E nessa comunhão dinâmica de vida-morte-ressurreição se revelou a possibilidade do novo Adão. Novo caminho de amor-serviço que, desinstala e propõe uma abertura para vida e para o outro

## **7. Considerações finais**

O momento atual esboça através de alguns esforços uma repatriação da espiritualidade e da literatura, para dentro da reflexão teológica. Portanto, a partir do reconhecimento das experiências espirituais nos textos literários o discurso teológico vislumbra a possibilidade de reconciliar-se um pouco mais com a espiritualidade e com a literatura.

Ou seja, reconhece-se que a experiência espiritual não se esgota quando é dita, mas, encontra na literatura



sua mediadora privilegiada. Admite-se que identificá-la com a linguagem com que é descrita é empobrecê-la e enclausurá-la. No entanto, para expressão de um conhecimento que ultrapassa a razão a literatura se torna a linguagem por excelência, embora no absurdo do paradoxo de querer “dizer o indizível”.

Somente dentro da literatura nacional poderiam ser citados diversos outros autores que comprovam a imbricação entre teologia e espiritualidade, como Adélia Prado, Cecília Meirelles, Manoel Bandeira, Machado de Assis, Patativa do Assaré, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, etc.

Contudo, como síntese da proposta e estímulo a novos estudos fica a frase de Kurt Marti, escolhida para epígrafe por Kuschel do seu livro *Os escritores e as escrituras*: “*Talvez Deus mantenha alguns poetas à sua disposição (vejam que digo poetas!), para que o falar sobre Ele preserve a sacra irredutibilidade que sacerdotes e teólogos deixaram escapar de suas mãos.*”<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Cf. KUSCHEL, K. *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos literários*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 13.



## Referências Bibliográficas



Faculdade Batista  
do Rio de Janeiro

ALMEIDA, E. F., REZENDE, J. *Dores que nos transformam: quando frágeis, então somos fortes*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

BARCELLOS, J. C. *Literatura e Espiritualidade: Uma leitura de Jeunes Années de Julien Green*. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. *Teologia e Literatura: Uma definição*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf.pdf>> acesso em 26. 06. 2011.

BINGEMER, M. C. *A argila e o espírito*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. *Em tudo amar e servir: mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1990.

CALVANI, C. E. *Teologia e MPB*. São Paulo: Edições Loyola/Metodista, 1998.

CONCEIÇÃO, D. *Fuga da promessa e nostalgia do divino: a antropologia de Dom Casmurro de Machado de Assis como tema no diálogo teologia e literatura*. Rio de Janeiro: Horizontal, 2004.

GONZÁLEZ FAUSS, J. *Des-helenizar el Cristianismo*. In: Revista Latinoamericana de Teologia. 17 (2000). p. 234-251.



KUSCHEL, K. *Os escritores e as escrituras: retratos teológicos literários*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MAGALHÃES, A. C. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

PÁDUA, L. *Espiritualidade integradora: o testemunho privilegiado de Santa Tereza de Ávila*. In: RÚBIO, A. (Org). *O Humano Integrado: abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis: Vozes, 2007. p.181-207.

RUBIO, A. *Evangelização e Maturidade Afetiva*. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *Prática da teologia em novos paradigmas: adequação aos tempos atuais*. In: FABRI, M. (Org.). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/Loyola, 1997.

SOETHE, P. A. *Teologia e literatura: a cena alemã*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf>> acesso em 24. 06. 2011.

TENÓRIO, W. “*Meu Deus e meu conflito*”: *Teologia e Literatura*. IHU-Online. 17. mar. 2008. Disponível em <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1205796599.74pdf.pdf>> acesso em 25. 06. 2011.



TILLICH, P. *Aspectos Existencialistas da Arte Moderna*. In: TILLICH, P. *Textos Seleccionados*. São Paulo: Fonte editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

YUNES, E. *A Poética como mediação entre Filosofia e Mística*. In: BINGEMER, M. C., PINHEIRO, M. (Orgs). *Mística e Filosofia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

